COLEÇÃO
Documentos da
AMAZÔNIA

Terra do Amazonas

Aloysio de Carvalho Filho

fac-similado N.º 142

CULTURA
Edições
Governo do Estado

COLEÇÃO
Documentos da
AMAZÔNIA

GOVERNADOR DO AMAZONAS
Eduardo Braga

VICE-GOVERNADOR DO AMAZONAS
Omar Aziz

SECRETÁRIO DE ESTADO DA CULTURA
Robério Braga

SECRETÁRIA EXECUTIVA
Delzinda Barcelos

ASSESSOR DE EDIÇÕES
Antônio Auzier

ASSOCIAÇÃO DE AMIGOS DA CULTURA
Saul Benchimol – Presidente

CULTURA
Secretaria de Estado

Av. Sete de Setembro, 1546
69005-141 – Manaus-AM-Brasil
Tels: (92) 633.2850 / 633.3041 / 633.1357
Fax: (92) 233.9973
E-mail: cultura@culturamazonas.am.gov.br
www.culturamazonas.am.gov.br

ALOYSIO DE CARVALHO FILHO

TERRA DO AMAZONAS

(FAC-SIMILADO)

COLEÇÃO
Documentos da
AMAZÔNIA

CULTURA
Edições
Governo do Estado

Copyright © 2004 Governo do Estado do Amazonas
Secretaria de Estado de Cultura

Coordenação Editorial
Antônio Auzier Ramos

Projeto Gráfico
KintawDesign

AmM Carvalho Filho, Aloysio de.
F.129

Terra do Amazonas. / Aloysio de Carvalho Filho (facsimilado). Manaus: Edições Governo do Estado do Amazonas / Secretaria de Estado de Cultura, 2004.

32 p. Coleção Documentos da Amazônia n.º 142

Raro

A juventude é uma das nossas maiores preocupações. Terá atenção especial com o fomento do esporte, espaços culturais e educacionais que possam assegurar a formação de gerações saudáveis e preparadas a vencer os desafios de um mundo globalizado e competitivo, proporcionando um futuro melhor para as nossas próximas gerações...

Eduardo Braga

Discurso proferido pelo Governador Eduardo Braga na sessão solene de posse em 1.º de janeiro de 2003.

APRESENTAÇÃO

São vários os nordestinos que se inscrevem na história da Amazônia. Milhares, para procurar a precisão. Homens e mulheres de todas as idades, grupos sociais e econômicos, profissões, que deram de si o sangue, suor e lágrimas, vivendo e morrendo nas cidades, nos beiradões e nos seringais. Todos, ainda que diante do sofrimento a que poderiam estar sendo submetidos, ficavam encantados com a região a exuberância das florestas e das águas.

Muitos jornalistas, cientistas, poetas, romancistas, já escolheram a Amazônia e em particular o Amazonas como tema para seus trabalhos e, não raro, ganham fama seja pela omissão de aspectos importantes que deixam de considerar, seja pela grandeloqüência acabam adotando numa imposição que apropria região e acaba fazendo aos que dela se aproximam e se, de logo, num rompante, se põem a deitar falação.

Assim se deu também com Aloysio de Carvalho Filho e a conferência que proferiu no Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, em 29 de maio de 1926, dada a público originalmente pela Imprensa Oficial daquele Estado no mesmo ano e que, diante dos sócios daquela instituição, narrou paisagens e vistas do grande rio, da selva, da grandeza de todo o lugar, a impor, como ele mesmo chegou a afirmar na ocasião, o reconhecimento da existência de um ser superior que criou tanta beleza.

Mas valeu a pena por sobre os letrados que aqui permaneciam na resistência telúrica como ressaltou, escolhendo dois dentre tantos: Adriano Jorge e Péricles Moraes. Depois cuidou da cidade de Manaus considerando-a "um oásis no meio da floresta bravia" como ele classificou, ao tempo em que as torres da igreja Matriz se impunham sobre os demais

prédios, e o porto flutuante se espraiava em busca do meio do rio Negro, para que se pudesse ver de logo a abóbada majestosa do teatro como um grande talismã, a repetir, como tantos o fizeram, a frase atribuída ao presidente Afonso Penna em 1906 de que se trata de uma cidade revelação da República, se estendendo para Santarém, no Pará e encerrando com um elogio ao interventor Alfredo Sá, mineiro e antigo chefe de polícia de sua terra natal.

A publicação original de *Terra do Amazonas* teve fim propagandístico de uma visita feita a Manaus e aos arredores da região, e a reedição fac-similar que agora passa a integrar as Edições Governo do Estado na Coleção *Documentos da Amazônia* recupera para os pesquisadores de agora a visão dos viajantes de todos os matizes que se apaixonavam para região de florestas e rios exuberantes, e narravam suas experiências em incansáveis conferências mundo afora.

Esta Coleção *Documentos da Amazônia* que integra as Edições Governo do Estado do Amazonas, redimensionada desde 1997, depois de muitos anos sem circulação, serve também a este tipo de material sobre a região, opinativo, ilustrativo, porque se vai recompondo a paisagem urbana, humana, social, política que em vários e diversos anos, foi refletida no cotidiano que os visitantes puderem observar, com olhos de quem quer ver, ou outras vezes, nem tanto, com lentes de aumento, ou enfumaçadas, senão de forma míope, mas sempre refletindo a opinião livre de quantos nos visitaram.

Robério Braga
Secretário de Cultura

ALOYSIO DE CARVALHO FILHO

Terra do Amazonas

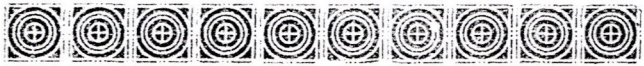
CONFERENCIA

— NO —

Instituto Geographico e Historico da Bahia

BAHIA
IMPRENSA OFFICIAL DO ESTADO
1926

Conferencia lida no Instituto Geographico e Historico da Bahia em sessão ordinaria de 29 de Maio de 1926.



Semente de civilização que se houvésse lançado na floresta virgem, e vingasse, rebentando em flôr, assim Manáos surprehende o forasteiro, mancha singular no horizonte todo verde, inesperada clareira de vida num grandioso scenario morto. Para quem chega, a primeira impressão é de espanto, pelo inopinado do contraste. Porque a ninguem, subindo o rio durante quatro ou cinco longos dias, a ninguem sorriria a esperança de encontrar, naquella altura, indicio tão positivo da existencia e da victoria do Homem!

Largo, amplo, rasgando na matta espaçoso caminho, em que as ribeiras quasi se perdem de vista, outras vezes apertado, entalado, como no estreito de Breves, entre soutos de exhuberante verdura, tão propinquos que quasi se deixam tócar; aqui, seguindo em linha certa, sem desvio, além, sinuoso, colleando em curvas violentas, onde os vapores são obrigados a silvar pelo risco de collisão; desembaraçado, agora, entre margens de continente, logo, porém, pontilhado de ilhas e ilhótas, que elle mesmo fórma quando distende os paranás, a modo de braços que em vez de cingir,

retalhássem as terras; banhando regiões perdidas em mattagal cerrado, tenebroso, por onde não se filtra um raio de luz, emquanto o sol ardente dos trópicos reflecte em chispas na agua barrosa, como si a constellasse de pequeninas estrellas scintillantes; descendo sempre caudaloso, arteria central num emmaranhado de canaes e de veias, o Amazonas... Porque descrevel-o? E' belleza para ver, não para fixar, pela penna ou pelo pincel. Enthusiasma, empolga, e acaba por nos esmagar, atordoando o espirito. Ainda assim, a sensação visual ficará o seu tanto inferior á nossa espectativa. EUCLYDES, com aquella lucida intuição do genio, notou a circumstancia interessante, explicando-a da maneira melhor:

> "Ao revez da admiração ou do entuziasmo, o que nos sobresalteia geralmente, deante do Amazonas, no desembocar do dedalo florido do Tajapurú, aberto em cheio para o grande rio, é antes um desapontamento".

O Amazonas que sonhamos não é, com effeito, o da realidade. Já não quero falar do que nos legou a fantasia arrojada de ORELLANA, na fabula conhecida das *Amazonas*, que ali teria deparado, e contra as quaes teria pelejado, mulheres guerreiras, ardegas, impetuosas, affeitas aos combates de morte, moradoras privilegiadas de uma Republica idéal, a que o homem não pertencia, por desnecessaria a sua presença, ou, mais certo, ao nosso ver, para que não a depravásse com a ambição e a fraude. Refiro-me ao Ama-

zonas, menos lendario e mais exacto, e, no entanto, ainda além da verdade rigorosa, o que aprendemos, attonitos, na infancia, através das paginas colorida. e das palavras inflammadas em patriotismo de quantos compendios escolares. Culpa dos que ensinam, ou exaggero da nossa imaginação juvenil, o Amazonas então nos apparece sob visões de maravilha. E é, entre todas, a da *Pororóca*, a estrugir sobresaltando o navegante, e é a da *Victória-Regia* a fluctuar, enflorando a superficie dagua. Tudo existirá. Sem a frequencia, entretanto, ou, melhor, sem a facilidade, que quereriamos. O que a nós nos parecia, áquelle tempo, constante, commum, é simples questão de opportunidade ou de local. Ide apreciar a *Pororóca*, no seu ponto favorito. Ide descobrir a *Victoria-Regia*, nos lagos escusos. Raras, aquellas, esquivas, estas. O Amazonas, nesse particular, não poderá se presumir de prodigo. E chega a ser desconcertante que assim se poupe, nos dois motivos maiores de sua celebridade, quando em tudo o mais será farto e soberbo. Dahi, talvez, este repontar de decepção, que nos vai salteando, mas afinal se desvanece, pela influencia do deslumbramento, que nos domina. E' a fórte emoção do sobrehumano. A' vista daquellas arvores gigantescas, tão juntas que se afiguram disputando, raiz a raiz, o terreno onde vicejem, todas erectas, rompendo o espaço, avidas de ar, umas, um tronco só, airoso, terminando num capitel de fôlhas, outras, mal attingem as alturas, abrindo em galhos recurvos, que logo, num impeto de al-

tivez, se retésam, subindo verticaes, todas entrançadas, desde o chão até muito acima, pela teia infinita de uma infinidade de liámes, em tremendo cipoal, floresta onde tudo, num labyrintho inextricavel, ainda está por se revelar e definir, ella propria, numa desordenada riqueza, ainda evoluindo e se completando — o homem, perante espectaculo tamanho, não terá outro impulso que o de levantar os olhos ao céo, como á procura do poder ignóto, sobrenatural, que criou tanta Belleza!

A selva amazonense, tornando-nos assim mysticos, obriga-nos ao seu culto. Contemplando-a, tentando com a vista penetrar-lhe o coração, e com o pensamento comprehender-lhe a vida, recuamos, desolados. Resta, apenas, admiral-a. Ali, o sentido objectivo se aguça nos individuos menos servidos delle. Mesmo áquelles incapazes de entender a natureza, e são numerosos, a floresta amazonica enléva. Qualquer, dentro della, terá o arrepio do grandioso, seja o "cronista injenuo", ou o "aventureiro romantico", ou o "sabio precavido", a que se refere ainda EUCLYDES. Porque ella é de uma pompa que excede o limite da previsão. Ninguem, sem ver, poderá imaginal-a. E vendo, ninguem saberá ao certo exprimil-a. Por onde talvez se justifique a tristeza invencivel que a pouco e pouco nos invade, e por fim nos enleia e absórve, quando demoramos em aprecial-a. AFFONSO ARINOS chamaria a isto *uma sensação de vacuo, uma idéa de páramo*. Mixto inexplicavel de melancholia e de re-

ceio, como si caminhassemos, desanimados, para um mundo barbaro, será tanto a nostalgia de centros povoados, a saudade de ambientes onde vibre a nota humana, escassa, ou, antes, inexistente ali, como o effeito natural da monotonia, da celebrada monotonia em que vai agora correndo o scenario, sempre o mesmo, da mesma viva intensidade de verde, sem solução de continuidade na grandeza desmesurada, sem a graça de uma nova nuança, sem o encanto de uma ondulação imprevista.

Quadro extraordinario, este, que cansa, pela feição uniforme, e assombra, pela maneira brutal! Ninguem pretenda, em tal panorama, os aspectos multiplos, ou as tonalidades varias, ninguem espere os matizes leves, ou os coloridos suaves. Falta-lhe esse requinte de lindeza, porque lhe faltam, justamente, a diversidade de superficies, a gradação subtil de tons, por onde logo se manifestam os recursos inexhauriveis do artista invisivel, no compôr o pinturesco de suas criações. Tudo é regular, tudo é verde. Ninguem, por outro lado, queira sentir a serenidade, a tranquillidade, a transparencia, tão caracteristicas de outras paisagens, aquelle fluido infiltrante de doçura, fragrancia dos scenarios bucólicos, e que o mesmo artista olympico infunde nas suas obras, quando terminadas. Nada disso, na natureza amazonense. O pintôr, que tentasse representál-a, não precisaria, na téla, de mais que um plano, e na palêta, de mais que uma tinta. Bastaria, até, uma fórte pincelada de verde,

ainda que pudessemos depois nós outros increpal-o de futurismo. Porque não ha reproduzir em filigranas de miniaturas delicadas e multicôres, como não ha cantar em harmonia serena, esta natureza temerosa. Tudo é grande, e unico, e inedito. E tudo deve de ser assim celebrado, num desenho bizarro, pelo pincel, num clangôr de apotheose, pela palavra.

E' interessante, neste ponto, accentuar a influencia que o ambiente da Amazonia exerce sobre os que ali escrevem, ou daquillo escreveram. EUCLYDES justificou e defendeu, por essa razão, o estylo enredado e inquiéto de ALBERTO RANGEL. E delle mesmo EUCLYDES disse uma vez JOAQUIM NABUCO, segundo AFRANIO, que escrevia com um cipó. Não será erro apurar esse influxo, por exemplo, em dois dentre os actuaes literatos amazonenses, os dois maiores, ADRIANO JORGE, orador, e PERICLES MORAES, escriptor, donos, ambos, de pompa verbal e opulencia de estylo. Reflectem, assim, o local. Mostram, bem, que vivem naquella natureza!

Natureza sobretudo selvagem, especie de vasto e prodigioso intermundio, á espera do habitante. O homem não teve, ali, o seu pouso, nem arroteou o seu campo, nem construiu o lar. A terra inviolada, estuando em energias, fertil em dadivas, referta de compensações, toda ella ainda segredo, se offerece ao conquistador intrepido, num appello, num desafio para que a desbráve.

Mas, senhores, onde o signal do homem? Talvez

em alguns agglomerados marginaes, paraenses aquelles, amazonenses estes, uns e outros indicios materiaes de que elle anda por ali, renovando, numa lucta silenciosa e desegual, o heroismo do que primeiro tombou, sonhador castigado na audacia de violentar a terra. Mas ao contrario de marcos que indiquem vitalidade, e affirmem progresso, dolorosos attestados, estes, de prematura ruina, povoações que em vez de crescerem, minguam, em vez de florescerem, murcham, em vez de prosperarem ao cuidado das forças dirigentes, vegetam ao desamparo dos poderes publicos, avelhentadas, entristecidas... Ahi está a incuria dos que, vindo depois, não quizeram aproveitar o ensinamento valioso de destemidos batedores, e, inertes, assistiram cahir a estacada que elles fincaram, sabe Deus á custa de quanto esforço, de quanto infortunio, de quanta lagrima, de quanta vida...

E' por isso que Manáos surde como um oasis no meio da floresta bravia. Está proxima, e ainda parece visão enganadora, que apenas se desfaz quando o perfil gracioso da cidade augmenta, em linhas e contórnos mais precisos, as casas principiam a avultar, claras entre arvoredos verde negro, os edificios mais importantes se alteam, duas torres de egreja, indices de acolhimento, acenam alegremente do espaço, e já se divisa muito perto a ponte fluctuante, á maneira de enorme ancora que prendesse singularmente a terra á agua, até que mais para dentro, pompeando numa multidão de cimos, a abobada majestosa do theatro

semelha um grande talisman... A cidade toda se mostra assim, jovial, sem artificios. O rio Negro, que á sua frente passa para o Amazonas, estende, invadindo-a aqui e ali, os liquidos lençóes dos igarapés, e na orla de dois delles, vivazes collinas, onde as modestas habitações de suburbios se arrumam como dispostas por mão de gente, dão ao panorama, com a novidade, uma nota de relevo excepcional. Na direcção do centro, em ponto onde o olhar quasi não alcança, uns longes de selva agréste interrompem o casario, que já vai rareando. E' a floresta outra vez, que, retomado o esplendor de sua magnificencia, recomeça, e continúa, e de toda parte abraça a cidade, procurando, talvez, rehaver á borda do rio o espaço que os homens, ao serviço da civilização, lhe arrebataram e persistem em ampliar, repellindo-a cada vez mais para o interior.

Aliás, tudo na Amazonia demonstra esse trabalho ingente contra a natureza invia. Manáos é bem um exemplo, nascida, ha dois seculos e meio, no local de uma simples fortaleza militar erguida no aldeiamento dos indios daquelle nome, crescendo, depois, em povoado, mudada, logo, em séde de governo, predicado que perdeu e sem demóra reconquistou, acclamada emfim, cidade, até que, no regime actual, pela obra notavel de um homem, experimentou o surto salutar de progresso, que hoje a distingue entre as mais bonitas capitaes brasileiras. Ali, pelo menos, alguma coisa se fez, e do grandioso que se fez, alguma coisa ficou.

O que teria suggerido a AFFONSO PENNA, quando de sua excursão áquelles rincões, o elogio mais alto e mais caloroso que Manáos já mereceu, no conceito consagrador que mais agrada á sua gente repetido em labios de estranho: *revelação da Republica.*

Alvo de isolados elementos migratorios, que para ahi concórrem, e dahi se espalham, rumando regiões differentes, ponto desmoitado onde por momentos estacionam, reavivando esperanças, recobrando animo, os que procuram trabalho no interior impérvio, fóco de convergencia e de dispersão, alma da Amazonia desconhecida, que fala, por ella, ao resto do Paiz, celebrando a sua grandeza, clamando o seu soffrimento, transbórdada de alegria na hora azul das colheitas opimas, esvahida em desalento no dia sombrio da producção depreciada, Manáos é, dentro do proprio scenario, testemunha de um drama formidavel. Testemunha da lucta sem alarde do homem contra a braveza dos elementos. A lucta intermina, entre as proprias forças da natureza: a agua do oceano que repulsa a corrente fluvial, no estridor da *Pororóca*; o rio que destróe, impiedoso, a terra, solapando-a sem descanso; as margens baixas que se vingam, prolongando-se sobre a superficie do *furo* em resistente vegetação aquatica; o rio que se insinúa, manhoso, pela matta, na ansia de maior espaço, inundando-a em *igapós;* terrenos que abandonam o logar por outro, forçando o rio ao recurso de novas sinuosidades, um

não acabar de caprichos da terra e caprichos da agua, a provocarem esse lidar acerrimo, incessante, de que não escutamos o écho, mas sentimos o effeito, e tanto perdura nos dias luminosos, como nas noites de luar ou de tréva, reine a calmaria ou estrondeie a procélla.

E não é dizer somente assim se rivalizem forças antagonicas, que intentassem a posse de mais dilatados dominios numa natureza em formação. Contendem entre si os proprios arbustos, uns a enfezarem os outros, e vem dahi o intricado da selva. Os mesmos rios, quando se encontram, o tributario morrendo no principal, não se misturam, não perdem a tonalidade, e a linha que, num forte sulco, divide as aguas, conservando-lhes a côr peculiar, dir-se-ia traçada por mão de homem, tão clara e tão certa. Espectaculo estupendo, que basta presenciado uma vez para não mais o esquecermos, assim nos offerece o Tapajós, de agua escura, quando se derrama no Amazonas, sem lhe alterar de leve a superficie barrenta.

Uma ou outra feita, a natureza toda, num fragôr de refréga, se desfaz em furia. O vento varre os ares, vareja a floresta, volve e revolve em escarcéos o rio, tornado oceano enraivecido. O raio rasga o espaço, e vem tócar em arvores mais altas, fulminando-as. *Montarias* e *regatões* desprevenidos se refugiam ás margens, estarrecidos os navegantes, quando tudo, num minuto, não desapparece no torvelinho das aguas, para sempre. Acreditarieis, si vos falassem de ondas no Amazonas? Ha, na egreja da Conceição, em Santa-

rém, um depoimento que impressiona por sua singeleza. Ali o gravou, para observação e commentario dos que passassem, este grande VON MARTIUS, a quem tanto devemos, pelos muitos conhecimentos scientificos que divulgou sobre o valle amazonico. E' um formoso crucifixo, em tamanho natural, offerecido á egreja por motivo que ali está memorado a letras douradas numa placa meio delida pelo tempo, em inscripção por mim mesmo assim copiada, e que ainda não encontrei citada nenhures:

> "O cavalleiro Carlos Fred. Phil. de Martius, membro da Academia Real das Sciencias de Munich, fazendo, de 1817 a 1820, de ordem de Maximiano, rei da Baviéra, uma viagem scientifica pelo Brasil, e tendo sido, aos 16 de setembro de 1819, *salvo, por misericordia divina, do furor das ondas do Amazonas,* junto á villa de Santarém, mandou como monumento de sua pia gratidão ao Todo Poderoso, erigir este crucifixo nesta egreja de N. S. da Conceição, no anno de 1846".

Este, meus senhores, o ambiente. Como estaes vendo, tudo nelle é competição, é tudo emulação. E quando o homem enfrenta, inerme, mas resoluto, a natureza poderosa, assume a lucta proporções de epopéa. Verdadeiro poema de energia, de resistencia, de bravura incruenta do Brasileiro, que os outros Bra-

sileiros ignóram, e, entretanto, precisam saber, para maior apreço e melhor propaganda do valor da nossa gente. Porque a fama arraigada, corriqueira na bocca pequena dos conversadores de rua, e até mesmo nas inducções e deducções de publicistas, erigindo a indolencia em qualidade mestra no nortista da Amazonia? Porque os murmurios insistentes sobre a sua incapacidade realizadora, elevada quasi em axioma? Não. Não levantemos premissas sem as provas que nos assegurem conclusão exacta. E' tempo de conhecermos a lição de afoitesa e de tenacidade que o Brasileiro vem ali escrevendo na pagina em branco da natureza. Em nenhum outro ponto o trabalho de tornar habitada a terra inhospita, terá exigido, exige ainda, porque a tarefa persiste, tamanho vigor e tamanha firmeza. A valentia dos lendarios caçadores de esmeraldas revive no destemor dos civilizadores da Amazonia. O sacrificio de Fernão Dias Paes Leme repete-se todo dia, naquellas paragens, apenas faltando o poeta, que o immortalize.

De facto, ainda estamos, ali, na epocha priméva dos *bandeirantes*. As incursões, visando todas os pingues proveitos da exploração do ouro negro, não se effectúam em fórma collectiva, organizadas em agrupamento, mas de maneira isolada, emigrante por emigrante a bem dizel-o. Cada individuo é uma *bandeira*. Vai quasi sempre só, e sosinho demanda os seringaes, ás vezes apalavrado para algum delles, outras sem ajuste prévio, indo por sua propria iniciativa. Em qualquer

hypothese, chega de perto, do norte mesmo, e, em maioria, do Ceará.

E', portanto, ao Brasileiro, e ao Brasileiro nortista, que está ali confiada a faina ingrata de domar a natureza. Ella mesma, numa ferina ironia, lhe fornece os elementos de vida. Dá-lhe o transporte, dá-lhe o abrigo, o leito, o alimento. Para o transporte, por exemplo, a sucupira, com que se construir a canôa, a itau'ba, com que se obter o remo. Para o abrigo, a paxiu'ba, com que se estender o tecto das *barracas*. Para o leito, o *tucúm*, com que se cósem as rêdes, para a dormida e a sésta. E o alimento, pela caça, pela pesca, pela apanha de fructos silvestres saborosos.

Quantas vezes, porém, ao par dos meios de vida,... os elementos de morte! Estranha hospedagem, que assim recebe, attrahente e dadivosa, trazendo muitas vezes escondido o espinho, com que ha de ferir o ádvena confiante. A principio, o sorriso de uma recepção gentil, promêssa de paz e de fartura. Mas sem tardança, como arrependida de se mostrar acolhedôra a quem lhe vai desvendar os imos segredos, transmuda-se a natureza em adversaria do noviço timido, e o presenteia com a febre, que em alternados accéssos, num vai e vem incansavel, a modo de guerrilha, lhe extingue a pouco e pouco a seiva, esgarçando nalma a illusão... A febre! Espantalho dos que procuram o amago da floresta amazonica, inimiga inexoravel, perfida na surpresa com que, repentina, faz tiritar de frio a sua victima, quando tudo em der-

redór é calor asphyxiante, perversa na maneira descontinua por que age, sumindo durante alguns dias, para que nessa trégua renasça no paciente a alegria de quem se sentisse salvo, e voltando depois, ardilosa, sorrateira, para de novo desapparecer, e outra vez retornar, brincando assim como um felino com a sua presa, até que, desmascarada de vez, dá com o individuo aniquilado, tendo por leito de morte a mesma terra aonde fôra, cantando, buscar a vida! E vezes sem conto chega á perfeição de deixar ao doente a energia para fugir, apavorado, ao *inferno verde*, e descer, como um trapo de gente, pelos mesmos caminhos por onde antes viéra.

Manáos, sentinélla avançada da saúde, estende os braços ao foragido, resguarda-o ao calor do seu amparo, reanimando-lhe a alma desvairada. Ella, que abençoára, á sua passagem, o esperançado "caçador de arvores", córre agora em soccorro do vencido desesperado. Tal a sua missão de alento e de bondade. E' de SAMUEL UCHÔA, chefe benemerito dos serviços de hygiene no Amazonas, este depoimento sem contradicta:

"Manáos é o centro de convergencia dos doentes não só do Amazonas, do Acre, de parte de Matto Grosso e Pará, mas tambem das republicas limitrophes. Chegam, na estação invernosa, dezenas de doentes desprotegidos, sem um ceitil para as primeiras despesas, para o desembarque da bagagem. Casa não procuram: aboletam-se em baiúcas abandonadas nos

arrabaldes, nos baixos da Serraria Sá, nos patamares dos armazens, nos alicerces de edificios em construcção, e, nessas alfurjas de miseria, curtem dias sombrios de fome e doenças. Este serviço estendeu, no que lhe compete, o seu manto de amparo aos desgraçados. E os enfermeiros, na desobriga de sua missão, constataram um facto singular: alguns doentes reclamavam, com insistencia, xarope para tosse, em successivas garrafas. Descobriu-se, após, a razão: absolutamente famintos, faziam do xarope alimento, misturando-o com farinha".

Ahi está, por palavra auctorisada, um simples flagrante da vida na Amazonia. De jeito que entre o homem e a natureza não póde haver, não ha o minimo laço de communidade de affectos. São forças que ao envez de se irmanarem, se repéllem, num perpetuo combate encarniçado. O homem, pelo soffrimento proprio, ou, quando preservado do castigo, pelo espectaculo do soffrimento alheio, ha de ser constante rebellado. E o que é, primordialmente, hostilidade á natureza barbara, não demóra em se tornar desconfiança de tudo e de todos, dos mesmos semelhantes. Nalma corroida de descrença, empedernida na lucta aspera e infinda, acaba o egoismo por deitar fundas raizes, exterminando as precarias reservas do desinteresse e da fraternidade. Os homens, no deserto amazonico, não se agrégam, isolam-se. Longe de conjugarem esforços, dispersam actividades. Não se nivélam, desegualam-se. Conheceis, a proposito, a narra-

tiva fiel de EUCLYDES sobre a situação de inferioridade em que o dono de seringal mantém o trabalhador, qual seu escravo. Tudo concórre, aliás, para essa accentuada separação, esse afastamento em que vivem. Ao afastamento sobretudo os obriga, irremediavelmente, a propria organização do trabalho. Seringueiros, ou balateiros, ou caucheiros, estes ainda mais que os outros, são todos nomades, pelas exigencias da profissão. Teem que avançar sempre pela floresta, penetrando-a e devassando-a, em busca de novas seringueiras, quando extincto o leite da que muitas vezes exploraram, em busca de novas massarandubas, quando morta a que em varios pontos sangraram, em busca de outros cauchos, lançado ao chão, imprestavel, o de que uma só vez se serviram. Por essa instabilidade no sólo, explicam os publicistas o seu manifesto desamôr á terra. Nada, em verdade, os radica e os prende ahi. Estranhos, foram recebidos rudemente pela natureza e rudemente são tratados. Muitos, menos resistentes e apegados, logo lhes venha a noticia alviçareira de que no nordeste a secca está abrandando, voltam, pressurosos, ao torrão natal, desertando a terra amazonense. Por seu lado, lento e difficil será se familiarisarem, os que ficam. De qualquer modo, sem uma suggestão superior, de fonte official, que lhes aponte o relevante papel de colonização e de civilização a que estão destinados, educando-os para essa alta finalidade, teem, fatalmente, que permanecer alheios e indiffe-

rentes á sorte da terra. Este, o aspecto mais curioso da vida no recésso da Amazonia. Delle nos dá relato impressivo, em capitulo dos seus "Pequenos Estudos de Psychologia Social", o notavel escriptor brasileiro, que tão subido recommenda a nossa intelligencia, e tanto honra a nossa cultura, o Sr. OLIVEIRA VIANNA.

Poderiam os governantes, por sabias medidas, criar nessa gente o sentimento de carinho pela gléba. Deveriam elles promover os meios de ser dada á sociedade assim constituida de elementos heterogeneos e dispersivos, a força indispensavel de cohesão e de solidariedade. Competia-lhes o dever indeclinavel de assegurarem a taes agrupamentos de formação transitoria, em que predomina o puro interesse pessoal, uma organização una, de expressão collectiva, que lhes favorecesse a vitalidade e lhes facilitasse o largo crescimento. Estariam realizando, si o fizéssem, obra inestimavel de alcance nacional. Porque o denominado problema do Amazonas é, entre as questões vitaes do Paiz, o nosso maior e mais importante. Difficil para resolução immediata, por sua desanimadora complexidade, a abranger innumeros themas secundarios, todos por egual consideraveis, e, entre todos, o saneamento, o povoamento, o progresso economico de uma parte do nosso territorio ainda insalubre, ainda despovoada, ainda inexplorada, está, por isso mesmo, a exigir a primazia das attenções officiaes. Mas os governantes silenciam. E si alguma vez despertam, agem precisamente para effeito contrario. Um exem-

plo: no apogeu da crise que estiolou o Amazonas, com a cotação de sua riqueza principal reduzida a nonada, as populações do interior, no desespero da fôme, bradaram soccôrro aos do alto. A providencia foi o fornecimento de passagens com que sahissem. Em vez de as ligar indissoluvelmente ao infortunio da terra, animando-as a procurarem nella mesma outros recursos de vida, o governo federal de então aconselhava e praticáva a fuga. De maneira que o anno passado, quando inglêses e americanos encaprichados occasionaram a subida vertiginosa da borracha, os seringaes, ainda vasios, experimentavam toda a funesta consequencia daquelle éxodo.

Assim desamparados, luctam os nortistas, não é de hoje, por integrarem o Amazonas no Brasil. Luctam sosinhos. E, entretanto, ninguem necessitaria mais da ajuda do poder publico. Neste capitulo melindroso do drama amazonense, permitti, porém, o meu silencio. Porque reviver angustias, si a hora de ventura já bateu? Porque retocar o quadro negro da miseria, si o momento é de resurreição e de esplendor? Mas, senhores, maldita a politica, a politica nefasta de campanario, maldita a politica da deshonestidade e do nepotismo, que, de tormenta em tormenta, apagou naquelle povo a chamma do enthusiasmo, da alegria e da fé!

Os fortes, no entanto, reágem, e triumpham. O Amazonas não succumbiu. "Povo soffredor e resistente", na synthese feliz de ALFREDO SÁ', seu precláro

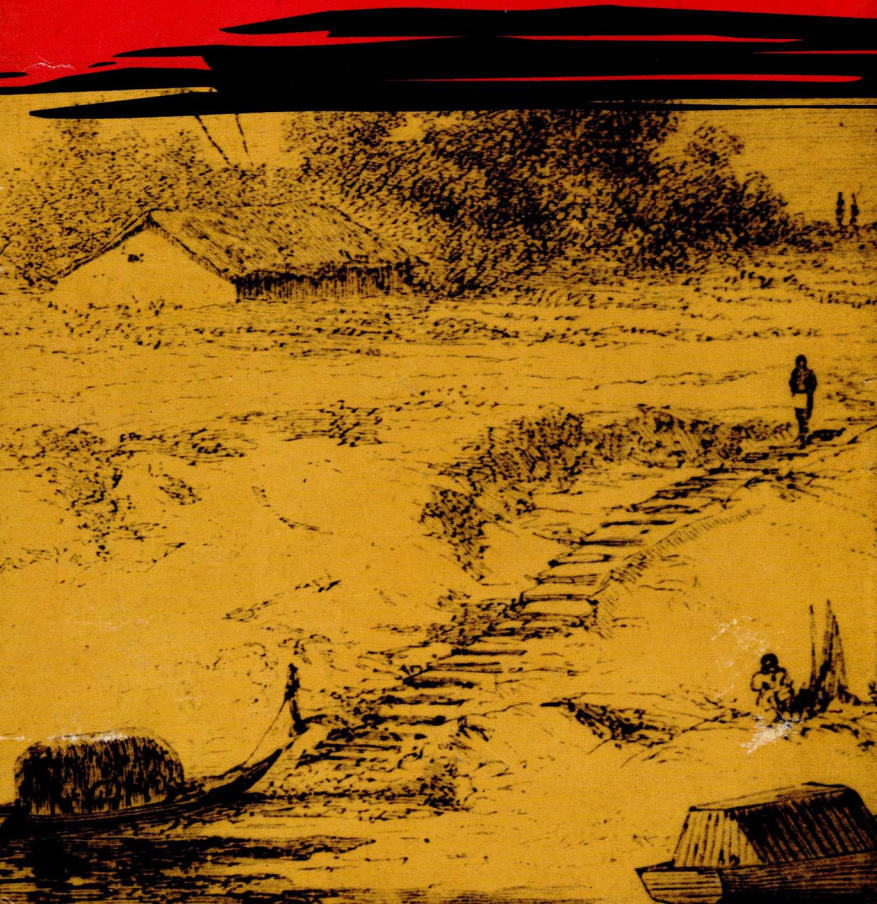
amigo e o seu maior bemfeitor, — lição ao passado, modelo no presente, exemplo para o futuro, — póde aguardar o premio de tamanho estoicismo. Questão, apenas, de crêr, de confiar, de persistir. Aquella natureza formidavel é o scenario tôsco de um drama, de que são personagens os Brasileiros. Por esse poema inegualado, tenhamos orgulho, tenhamos esperança. Orgulho dos que ali estão morrendo, obscuros. Esperança nos que ali continúam laborando, ignorados. Algum dia, proximo ou remoto, todos renascerão na agradecida justiça do Brasil.

Entre populações que rumorejam, nucleos de trabalho a vibrarem, cidades cantando, o Amazonas esquecerá, então, o martyrio, para sorrir á victoria. E ao pé de cada cruz, plantada, outr'ora, na floresta, a alma brasileira, commovida, abençoará os que cahiram, para que outros colhêssem a flôr do seu sacrificio!

1926—Imprensa Official—22532

GOVERNO DO ESTADO DO
AMAZONAS

CULTURA
Secretaria de Estado



AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - Lei nº 9.610/98). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM

Secretaria de
Estado de Cultura

CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA